



Douro:
Quadro de Suor, Sinfonia Humana,
Ópera da Natureza¹

A n t ó n i o J o s é B o r g e s

joseborges@portugalmail.pt

O Douro dá-me força. Sem dúvida.

Assim que me foi dirigido o convite para discorrer sobre o tema *Douro – a terra e o homem*, praticamente nenhum pensamento de hesitação cruzou as sinapses do meu cérebro e logo não pude recusar falar do meu Douro, do que sinto na alma e na pele desde que tomei consciência das suas belas forças, rudeza e divindade.

É certo que gostaria de fazer um voo rasante pela pele do Douro – pele que é a terra e a própria pele da gente que a moldou com o seu esforço e o seu sacrifício suado. Pele que ainda agora sua, mas na incerteza que sente.

1

Miguel Torga sempre pensou que o povo é quem faz o mundo. Ora, foi o povo quem fez Portugal. E o Douro é um claro exemplo da importância e da força do povo. Ainda há pingos de suor, talvez lágrimas de sacrifício a salgar as terras aparadas e tornadas deslumbramento pela mão humana. Quando olhamos com detença os socacos, identificamos a luta do homem contra a montanha na construção dos imensos vinhedos espelhados no rio.

Diz-se que as legiões romanas combatiam embriagadas, para que a coragem e a ferocidade fossem agudizadas. O homo duriense trabalhava, acredito, com persistência e com dedicação e com a natureza embriagado.

¹ Trata-se, este, de um artigo apresentado numa comunicação na *V Reunião/Encontro de Saúde Mental e Desenvolvimento do Alto-Douro*.

O Douro é mão divina e mão do homem. O Douro é um quadro de suor, de boinas molhadas pelo orvalho e de camisas sujas de mosto, é uma longa aventura que, pelo seu passado e seu presente, nos lembra a *Ilíada*, a *Odisseia* ou até os *Lusíadas*; é uma sinfonia com andamentos vários, desde a fixação ao empreendimento, passando pelo sofrimento até ao abandono que pode ser a desertificação; é uma ópera cuja orquestra vai definhando na sua vontade de permanecer, e assim vai abandonando a sua prima-dona e a composição musical neste mundo hodierno.

Em *Porto Manso*, de Alves Redol, deparei com a seguinte passagem, onde sobressai o esforço dos homens, carregados de cestos de uvas, e que me motivou, sob um determinado ponto de vista, apelidar o Douro como sendo uma ópera da natureza:

Numa dolorosa penitência, que só o misticismo de ganhar o pão pode tornar risonha, devassam os socalcos das montanhas, arrastando farrapos e cantando odes de alegria. (...)

*E os homens que levam os cestos vindimos ao lagar, numa longa fila serpenteante, apoiados nos sachos como a bordões de vagabundos, (...) enquanto um apito lhes marca o ritmo da marcha e a soalheira ferve nos corpos esvaídos de fadiga.*²

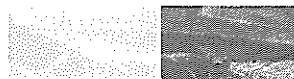
Em suma, e usando das palavras de Manuel Silva Marques, “O *Homo Duriensis* é único a saber *lutar, cavar, suar...*”³. Digo que o suor: mostra a sua luta; o cavar: a composição de uma sinfonia; e assim é co-autor de uma ópera da natureza. Não sem que das suas fontes escorram esses suores de todos os desesperos quando «moireja». Pois «moirejar» é trabalhar. E não imagina certamente, o turista que assiste à pisa das uvas, o trabalho duro que a antecedeu.

Quando o Douro, a terra e o homem são temas de conversa, nunca é de mais repetir que o homem transformou o Douro. Por sua vez, o Douro, a paisagem, a economia, o ritmo imposto, o isolamento da região, tudo isto marcou o homem duriense. A natureza foi e é uma amiga e uma ameaça.

Há uma conta que ouvi fazer e que considero digna de ser aqui registada: a de que para ser alcançado o objectivo de 1.000 pipas de vinho era necessário haver 100 homens, 60 mulheres e 12 rapazes a trabalhar durante 12 dias. Donde, o Douro foi, outrora, uma camisa-de-forças para o cavador, para o vindimador que era

² REDOL, Alves, *Porto Manso*, 3ª edição, Publicações Europa-América, 1979, p. 179.

³ MARQUES, Manuel Silva, *Perfil Sócio-Cultural do Homo Duriensis*, Trofa, Gráfica da Trofa, 2006, p. 34.



explorado ingloriamente. A sua glória maior era o encantamento que a sua vista à volta podia mastigar com raios de visão.

Assim se compreende que os durienses de antanho sejam um legado do *Cromagnon*, a versão do *Neanderthal* que aqui quis fugir à extinção e acabou deixando-nos a arte rupestre que constitui os resquícios da sua presença.

2

Este não é só um discurso laudatório. Ponhamos os elogios de parte por alguns instantes. O Douro de hoje vai da paixão à preocupação.

Não pretendo agora renegar o espírito do passado. Porém, importa agora um outro espírito, o do presente, e até o dos desejos antecipados do futuro.

Em jeito de alegoria, façamos do Douro uma criança que tendo saído do berço, e muito bem, a ele retorna para retomar e refazer alguns caminhos que erradamente traçou. Há problemas do presente que têm de chegar aos ouvidos dos jovens. E são esses, os jovens, os vivos de agora e do futuro próximo, que terão de os resolver no futuro a médio prazo.

António Barreto, em *Douro* e na recém publicada antologia *Palavras que o Douro tece*, escreveu que “O Douro é vinho. Vinho e vinha. Pode ser rio, pode ser terra. Região ou vila. Mas é, sobretudo, vinho”⁴. De facto, na paisagem vemos o vinho, no vinho vemos a paisagem.

O Douro tradicional não deve nunca morrer. Todos os países civilizados souberam aliar à modernidade, e agora à pós-modernidade, a força da sua tradição. Gaspar Martins Pereira, num exercício de preclara lucidez, diz estar convencido de que “o Douro tradicional terminará no espaço de uma geração”⁵. A acontecer, será uma pena. Pois gostaria que os meus futuros filhos sentissem o cheiro, a cor e os sons desse Douro tradicional e, acima de tudo, que compreendessem a importância do suor que está marcado nos socalcos, enfim, toda a marca humana que em silêncio, em pedra, porventura em garças metamorfoseadas, ecoa no vale de «durius». Só assim se pode viajar no tempo. O meu lamento poderá mesmo ir ao ponto de usar das palavras de Miguel Torga, quando no seu *Diário XIII* escreveu, a este pro-

⁴ BARRETO, António, *Douro*, in *Palavras que o Douro Tece*, (Organização e Coordenação de José Braga-Amaral), Peso da Régua, Garça Editores, 2006, p. 31.

⁵ Cf. PEREIRA, Gaspar Martins, *Pedras tocadas pelo tempo*, in *palavras que o Douro tece*, (Organização e Coordenação de José Braga-Amaral), Op. Cit.

pósito, “o que mais me entristece é não poder deixar em testamento os olhos à filha”⁶.

Neste mundo plano, global, o Douro não pode ter medo de existir. Tem de ser uma voz audível na sinfonia geral. O Douro não pode ser só dos durienses. Ilustrando o predito, surge oportunamente uma passagem da obra *Viagem a Portugal*, onde o seu autor, um não-duriense, José Saramago, de passagem por este “reino das garças”⁷ (no dizer de A. M. Pires Cabral) escreveu

*O mundo não está bem organizado. Já não é só a complicada história do que falta a uns e sobeja a outros, é, para este caso de agora, o grave delito de não se trazer a esta estrada todos os portugueses de aquém e além, para que nos seus olhos ficasse a formidável impressão destas encostas cultivadas em socacos, cobertas de vinhas de cima a baixo, a grafia dos muros de suporte que vão acompanhando o fluir do monte, e as cores, como há-de o viajante, em prosa de correr, dizer o que são estas cores, é o jardim do solar de Mateus alargado até ao horizonte distante, é a floresta junto do rio Tuela, é um quadro que ninguém poderá pintar, é uma sinfonia, uma ópera, é o inexprimível. Por isso mesmo quereria ver nestas estradas um desfile ininterrupto de compatriotas, sempre por aí abaixo até Peso da Régua, parando para dar uma ajuda aos vindimadores de monte acima, aceitando ou pedindo um cacho de uvas, cheirando o mosto dos lagares, metendo neles os braços e tirando-os tintos do sangue da terra. O viajante tem destes devaneios, e espero que lhos desculpem, porque são de fraternidade.*⁸

Ora, o Douro é também o de José Saramago. O Douro não pode ser só o seu passado vinhateiro e o seu presente turístico para os de fora. O Douro deve servir todos. Os de cá e os de lá. Pois que, neste mundo pós-moderno o Douro tem de ser algo mais. Conquanto se comece a notar um louvável esforço por parte dos políticos locais, tem de ser ainda mais cultura, mais massa crítica, tem de combater este estado de preocupante défice de intervenção cívica. Intervenção cá e lá fora. Pelo que, urge despertar as consciências dos mais incautos para os problemas com que a região se debate.

⁶ TORGA, Miguel, *Diário XI*, Coimbra, Edição do Autor, 1973, p. 49.

⁷ CABRAL, A. M. Pires, *Douro: Pizzicato e Chula*, Lisboa, Edições Cotovia, 2004, p. 42.

⁸ SARAMAGO, José, *Viagem a Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1981, p. 28.

Recorro frequentemente ao tema do Douro nas minhas aulas. Leio textos sobre o Douro e de autores durienses aos meus alunos (sou mesmo a favor de que no currículo das escolas públicas de cada região deveria constar o estudo obrigatório, ou recomendado, de um autor dessa mesma região). Clandestinamente, assim o tenho feito. Mas voltando aos alunos e aos jovens, ouço-os amiúde reclamarem isto e aquilo, e digo-lhes para confiarem nos autarcas, advertindo-os, no entanto, para o facto de que o seu imobilismo, do povo, também não ajuda em nada a região – na medida em que a voz do povo deve ser sempre ouvida.

Certo dia houve em que durante uma aula um marcador de livros com imagens do Douro, que eu trazia dentro de um livro, caiu ao chão. E lembrei-me de lhes dizer: “O Douro caiu ao chão. Eu levantei-o. Vocês podem também levantá-lo. Como?”. E assim se desenrolou uma discussão livre sobre o presente e o futuro do Douro.

Como sou um homem nado e criado no Douro e como me confesso, onde quer que esteja e a quem quer que seja, um eterno apaixonado pelo Douro, foi aquela, portanto, uma oportunidade para mover algumas consciências durienses.

Falo sempre de forma íntima e apaixonada e repito inúmeras vezes a palavra Douro, porque, sendo um filho da terra, sinto o seu pulsar em cada esquina dos seus contornos; porque na escala de valores que rege a minha vida o Douro constitui um dos pontos mais sensíveis; e porque quanto mais viajo pelo mundo (e muitas têm sido as viagens) melhor sinto a beleza desta região.

Sempre que recordo a minha infância, sinto que fui um privilegiado; e digo-o com a consciência de quem vivia numa casa de onde podia contemplar este rio, esta cobra líquida, como lhe chamo – rio este que é a linha mestra da região. Bastava-me assomar à janela e de lá podia ver, todos os dias, sem falta, a bacia hidrográfica da cidade do Peso da Régua. Olhava o rio, mas nem sempre reparava no que via à sua volta. Eram as desatenções características da idade da inocência. Porém, ainda recordo quando no verão o céu do pôr-do-sol assumia, não raras vezes, tons de laranja que surgiam um pouco acima do espelho de água que sustenta e completa a força do vale do Douro. E aquele tom de laranja sempre anunciava a futura aurora de um belo dia seguinte. O que me faz pensar em Eugénio de Andrade, que já partiu na sua outra jornada e que nos deixou em verdadeira poesia os versos: “Cada bago de uva / sabe de cor / cada dia de verão”.

Nesta terra do suor, moldada por galegos trabalhadores e trabalhadores galegos, e outros, as uvas nascem da pedra. E, no dizer de José Braga-Amaral, “a vindima é o parto das uvas”.

Dos grandes lagares durienses, das quintas que são a arquitectura da região, escorre o mosto pelos montes abaixo. E duas palavras definem o perfil do turista no Douro: repouso e cultura. (Recorde-se que a vindima é um acto cultural).

Com efeito, seguindo o fio de ideias tecido pelo telúrico Miguel Torga, a paisagem duriense é a prova da importância do homem na natureza. Jamais me cansarei de o dizer: os holandeses subtraíram terra ao mar, os durienses desbravaram o xisto e criaram vinhas onde havia pedra; e assim nasceu aquela que Alves Redol designa como “a terra do sol engarrafado”.

Braga-Amaral disse um dia, roçando a poesia, que “um copo de vinho do Douro não é o mesmo depois de termos sentido o cheiro da terra, o coaxar das rãs à noite, o voar das garças a rasar o nosso nariz, enfim, onde quer que seja bebido jamais o sabor será o mesmo”.

Os navegadores durienses de antanho foram bravos conquistadores do curso de um rio que apelava, em cada cachão, à vontade destemida do *arraís* que conduzia o Rabelo – e assim a arte do vinho chegava a um porto de onde saía para conquistar o mundo. Nele levava um vinho doce como o açúcar do Brasil, rico e saboroso como as especiarias das Índias; um vinho que se sente como uma chama líquida no estômago, mas que não queima como a pólvora de um canhão.

Ao lusitano, ao romano, ao árabe que cada duriense tem dentro de si, se junte o duriense perseverante e se torne mais empreendedor.

O duriense tem também de se sentir livre por dentro: livre de um sentimento de isolamento, da interioridade, da opressão de Lisboa e de alguns grupos económicos e, principalmente, livre da humilhação que certos patrões lhe impõem.

A ópera duriense tem de continuar. Em tempos, houve emigração. E aquela vontade de partir, a vontade «do nós por lá» está a voltar. Como se já não bastasse a fuga para o litoral português, agora enfrentamos a fuga para a Europa. O Douro precisa de manter na sua região pessoas de valor. Como tal, tem de aliciá-las com boas propostas de trabalho e de carreira. E se do lado de quem recebe a proposta estiver um duriense sentido e sensível a esta região, então ele e o Douro têm um futuro radioso pela frente.

Como duriense, na história da minha vida recente, dois episódios tocaram-me. Dois simples e breves episódios em que o Douro surge como personagem convocada por não-durienses. O primeiro:

Quando um dia, eu, em troca de correspondência com João Pereira Coutinho, articulista do Jornal *Expresso*, lhe disse que a escrita é a minha pena e alegria do mundo e que sinto que preciso, não raras vezes, de voar para além do Vale do Douro, ele respondeu-me dizendo que compreende o meu estado de espírito, mas que também sente inveja de quem vive no Douro – região que ele próprio considera ser “um paraíso na terra”.

O segundo episódio:

Há alguns anos, após ter terminado a minha licenciatura, desloquei-me até ao Minho para manifestar o meu interesse junto de um colégio privado, no sentido de lá leccionar. Nesse colégio, fui recebido de forma simpática pelo director, que, no entanto, me disse não existirem vagas para o quadro de docentes da minha área. Ainda assim, tivemos uma conversa agradável sobre vários assuntos. Sabendo que eu sou do Douro, no final da conversa o director do colégio disse-me, confiante: – “estou certo que não desistirá de tentar alcançar o seu objectivo. Você é um homem do Douro. E os homens de Trás-os-Montes e Alto Douro são duros de roer!”.

Aquela frase recordou-me o orgulho de ser duriense. E novamente me apercebi do modo como os olhos do país vêem esta região: com regalo, pela pujança da sua paisagem, e admiração, pela força dos homens que a moldaram.

Hoje e sempre não posso deixar de referir o incontornável nome de João de Araújo Correia. O autor disse um dia que “o Douro tem mentes que não param de crescer... e um rio que não para de correr”. Neste sentido, importa pensar que a região que foi tocada nas suas entranhas e refeita na sua epiderme pelo homem é também a região que faz o seu obreiro: o mesmo homem.

De Camilo Castelo Branco, Alves Redol, Miguel Torga, João de Araújo Correia a Eugénio de Andrade, Agustina Bessa-Luís, A. M. Pires Cabral, Camilo de Araújo Correia, José Braga-Amaral, Altino Cardoso e outros dignos autores durienses e não-durienses, em todos eles, e na sua literatura, o Douro tem um lugar especial.

A paisagem está a mudar silenciosamente. Novas técnicas conduzem a outras perspectivas na arquitectura da paisagem, mas que a sinfonia humana se mante-

nha, perpetuada nos lagareiros, nas mulheres cujos cânticos ecoam pelo vale na época das vindimas. E aqui se impõe que teça algumas palavras às valentes mulheres durienses, àquelas mulheres cujos calos das mãos, em época de vindima e iguais aos dos homens, são o bilhete de identidade da sua perseverança. Ela foi e é de grande valor:

*Como dar conta do suor naqueles corpos, naquelas testas, naquela tensão dos músculos? As mulheres, curvadas sobre os bacelos, de lenço na cabeça e podoa, navalha ou tesoura na mão, afastando as parras e cortando os cachos, podiam servir para mostrar como o tempo passou por elas e as envelheceu e encardiu.*⁹

E também aqui é incontornável referir a figura lendária da Ferreirinha (D. Antónia Adelaide Ferreira), que, no dizer de Agustina Bessa-Luís, em *Vale Abraão*, “era uma proprietária que levantara toda a região ao nível dum condado”¹⁰.

3

“Se pensarmos em Júlio Verne ou em Isaac Asimov, logo percebemos a importância que a ficção de antecipação tem no progresso técnico e na evolução das sociedades”.¹¹ Pelo que, antecipar o futuro é precavermo-nos. Tratemos de Imaginar sempre o Douro.

Os votos são de que o Douro continue a ser uma rica sinfonia humana com vários andamentos, um quadro de suor, mas de um suor digno e justo, e uma ópera da natureza, mas uma ópera completa, sem deserção dos elementos da sua orquestra, repito.

É certo que aqui quero morrer e dormir o sono final. Mas também queria ter por certo aqui viver. Não sei. Como no amor, a relação com o Douro de hoje não pode ser só feita com uma cabana. Tomara que assim fosse. Porém, outros valores existem. De uma coisa estou certo: no Douro me fiz homem, no Douro desejo dar o meu último sopro de aragem humana.

⁹ MOURA, Vasco Graça, *Suor*, in *palavras que o Douro tece*, (Organização e Coordenação de José Braga-Amaral), Op. Cit., p. 186.

¹⁰ BESSA-LUÍS, Agustina, *Vale Abraão*, Lisboa, Guimarães Editores, 1991, p. 143.

¹¹ BORGES, António José, *Douro 2035*, in *palavras que o Douro tece* (Organização e Coordenação de José Braga-Amaral), Op. Cit., p. 55.

douro meu

*douro do meu coração
tesouro de que não largo mão
viveste dias de lutas viris
e não sei hoje se já sorrís*

*os homens bravos que te acompanharam
e moldaram
o rio que serve de linha mestra à tua paisagem
ambos nunca te abandonaram
e assim prossegue a tua viagem*

(António José Borges)

Referências Bibliográficas

- BARRETO, António, *Douro*, in *palavras que o Douro tece*, (Organização e Coordenação de José Braga-Amaral), Peso da Régua, Garça Editores, 2006.
- BESSA-LUÍS, Agustina, *Vale Abraão*, Lisboa, Guimarães Editores, 1991.
- BORGES, António José, *Douro 2035*, in *palavras que o Douro tece* (Organização e Coordenação de José Braga-Amaral), Peso da Régua, Garça Editores, 2006.
- CABRAL, A. M. Pires, *Douro:Pizzicato e Chula*, Lisboa, Edições Cotovia, 2004.
- PEREIRA, Gaspar Martins, *Pedras tocadas pelo tempo*, in *palavras que o Douro tece*, (Organização e Coordenação de José Braga-Amaral), Peso da Régua, Garça Editores, 2006.
- MARQUES, Manuel Silva, *Perfil Sócio-Cultural do Homo Duriensis*, Trofa, Gráfica da Trofa, 2006.
- REDOL, Alves, *Porto Manso*, (Obras completas de Alves Redol), S.L., 3ª Ed., Publicações Europa-América, 1979.
- SARAMAGO, José, *Viagem a Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1981.
- TORGA, Miguel, *Diário XI*, Coimbra, Edição do Autor, 1973.
- MOURA, Vasco Graça, *Suor*, in *palavras que o Douro tece*, (Organização e Coordenação de José Braga-Amaral), Peso da Régua, Garça Editores, 2006.

